

## Manuel Veiga

Jamary Oliveira

Manuel Vicente Ribeiro Veiga Junior. Manuel Veiga. Dr. Veiga. Em breve Professor Emérito Dr. Manuel Vicente Ribeiro Veiga Junior. Continuaremos a tratá-lo de Prof. Veiga, ou simplesmente Veiga. Estes dois últimos melhor o caracterizam: o **professor** e o **amigo**. Quando retornou dos Estados Unidos trouxe consigo o título de Master of Science, um título do qual completamente desconhecíamos a denominação e a função. Após explicações preliminares não entendi o porque de obter-se um título de mestre se ele, como engenheiro formado, já era doutor. Este outro traço também o caracteriza: **pioneiro**. Embora não tivesse tido a oportunidade e a honra e de ter sido seu aluno não posso deixar de agradecer o muito que com ele aprendi. Ele foi um aluno assíduo, recentemente, em algumas das disciplinas que lecionei. Tenho minhas dúvidas se consegui transmitir-lhe algum conhecimento, mas estes fatos convenceram-me de mais algumas de suas qualidades: **paciência** e **modéstia**. Professor, amigo, pioneiro, paciente, modesto.... Poderia continuar a enumerar sobre suas virtudes: insistente, crítico, obstinado, tenaz, prolixo,... mas a homenagem que a Escola de Música e a Universidade Federal da Bahia ora lhe prestam deve-se sobretudo à primeira: professor.

Tenho acompanhado as realizações acadêmicas de Veiga há trinta anos. Temos trabalhado juntos em muitas ocasiões, discordado muitas vezes, concordado algumas, sempre com um respeito mútuo, de minha parte compreensível, da sua parte inexplicável. Temos participado juntos de muitas das mudanças ocorridas na área de Música nesta Universidade e em todo o país. Continuo aprendendo.

Ao final de seu VITA, Veiga resumindo, sendo isto possível, divide sua vida profissional e acadêmica em duas fases: até 1976, o pianista; após, o etnomusicólogo; nas duas, o músico. Sobre a primeira fase, informa:

Longos anos de **formação musical, como pianista**, com produção artística de c. 250 apresentações como recitalista, solista e camerista, envolvido, a começar de 1966, com administração acadêmica (uma lástima). A formação em Engenharia Civil em parte ajudou, mas consumiu tempo. Deu-me uma

mentalidade racionalista e positivista que teve de ser temperada pelo estudo das humanidades, das ciências sociais e humanas, além da própria música.

A insistência de Veiga para que nós, jovens professores do então Seminários de Música, continuássemos nossos estudos a nível de pós-graduação, de tão obstinada produziu seus frutos. Desta sua fase devemos-lhe créditos para as atividades de pós-graduação e pesquisa em música em nossa Universidade. Desta sua fase devemos-lhe a organização acadêmica pioneira nos cursos de graduação, incluindo o estudo teórico integrado adotado posteriormente por quase todas as escola de música no país, resultante de sua experiência como docente na Julliard School of Music. Desta sua fase, fica-nos a lembrança de um pianista técnica e musicalmente surpreendente. Ainda guardo na lembrança sua interpretação do *Rude Poema* de Villa-Lobos. Aguardo ansiosamente por sua já sentida terceira fase: a conciliação do pianista e do etnomusicólogo.

Sobre sua segunda fase, começa atestando seu

**Interesse pela Etnomusicologia** despertado enquanto membro do Conselho de Cultura, inspirado pelo medo do poder e pelo reconhecimento dos paradoxos e injustiças embutidos na cultura oficial brasileira, no seu entendimento e trato da cultura como mera erudição, sem base antropológica, qualquer quer seja. **Tornou-se meta estudá-la, a Antropologia da Música, implantá-la no Brasil como disciplina científica e aplicá-la no estudo da música brasileira.**

Tarefa cumprida. Veiga obteve, com distinção, seu Doutorado em Etnomusicologia pela Universidade da Califórnia em Los Angeles. Após seu retorno, possibilitou à Universidade Federal da Bahia o pioneirismo na implantação da pós-graduação em Etnomusicologia no país. Continua sua luta pelo estudo científico da música brasileira.

Sua produção como etnomusicólogo totaliza

mais de 85 contribuições: artigos publicados em periódicos especializados (12), capítulos de livros (5), uma dissertação de doutorado, dois discos, artigos e entrevistas publicadas de divulgação científica e artística (16), orientação de dissertações de mestrado já concluídas e aprovadas (3), comunicações em congressos científicos (47), muitos pareceres para diversas

agências e instituições tais como o CNPq, CAPES, FAPERJ, FAPERGS, UFMG, UFBA, SESU, Conselho de Cultura do Estado da Bahia, inclusive indicações e moções, neste último caso, bem como participação em concursos para docentes de várias universidades.

Os seus artigos, quando de caráter filosófico, motivam reflexões e reavaliações sobre a música, especialmente a música brasileira, e sobre o trabalho que cada um de nós, membros de uma comunidade ainda pequena, tenta desenvolver. Quando de caráter técnico—etnomusicológico—demonstram uma competência e persistência que nos servem de modelo. Por diversas vezes ouvi comentários sobre o que seriam os eventos científicos da área sem a presença de Veiga. Suas observações, críticas, e às vezes ameaças, cobram sempre uma atitude de seriedade e qualidade que nem sempre nos é possível atender. Seus pareceres têm sido tomados como modelos de sobriedade e competência, às vezes benevolentes, mostrando uma preocupação constante com a consolidação da área. Suas moções e indicações no Conselho de Cultura do Estado da Bahia, atestam sua preocupação constante com a pesquisa, com a Escola de Música, com a Universidade Federal da Bahia, com a Bahia, com o Brasil.

Nesta segunda fase de sua vida, as atividades administrativas não cessaram. Continuou a ocupar cargos em nossa Escola e em nossa Universidade, além de tornar-se também um organizador e coordenador de eventos de importância inegável para a área de Música, incluindo as Jornadas de Etnomusicologia e os Simpósios Brasileiros de Música. Suas tarefas mais importantes entretanto, foram a de primeiro representante da Área de Música junto ao CNPq e mais tarde junto à CAPES, tarefas estas que desempenhou com tal eficiência que ainda hoje desfrutamos os resultados de seu trabalho. Se a Área de Música no país, sob o ponto de vista da pós-graduação e da pesquisa, pode já considerar-se consolidada, esta consolidação deve-se principalmente ao nosso homenageado, pelo trabalho que desenvolveu e vem desenvolvendo junto à comunidade e aos órgãos de fomento e avaliação.

Honrado com a tarefa de apresentar Veiga, senti-me tentado a discorrer sobre cada um de seus feitos. Enumera-los e comenta-los apontando a importância de cada um para nossa Universidade. E, se a mim tivesse sido dada veia literária, romancear um pouco. Entretanto, as palavras finais contidas em seu VITA, dispensam-me desta tarefa. Diz Veiga sobre si mesmo:

**Interesse profundo pela consolidação da musicologia e da música, como áreas de pesquisa e pós-graduação, no Brasil, pela contribuição que poderão prestar aos estudos do homem e de seu comportamento.** O papel que me cabe, entretanto, tendo conjugado os estudos científicos, musicais e musicológicos, de certa forma de modo pioneiro, no Brasil, com muita sorte, mas com as inevitáveis dificuldades de quem desconhece os caminhos, e dispêndio de tempo para superá-las, tem sido e será o de um mero elo na cadeia de transmissão do conhecimento, ora afrontada e seccionada em meio aos destroços pretendidos e implementados para as universidades brasileiras. Talvez ainda haja tempo.

Resta-nos, a Escola de Música e a Universidade Federal da Bahia, continuar a agradecer-lhe o muito que tem feito, o muito que tem ensinado. Haverá ainda muito tempo.